

## **A DIVINA FESTA DO ESPÍRITO SANTO: UMA MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR EM MOGI DAS CRUZES, SP**

Neusa de Fátima Mariano\*

### **RESUMO:**

São muitas as manifestações da religiosidade popular no Brasil que, uma vez trazidas pelos colonizadores portugueses, aqui foram traduzidas em diferentes linguagens, conforme a realidade de cada localidade. Este processo histórico nos fornece um leque de questões e possibilidades de investigação visto que tais manifestações tidas hoje como tradicionais, folclóricas ou religiosas, persistem articulando contraditoriamente o passado e o presente. Com o objetivo de estudar a Festa do Divino Espírito Santo que acontece em Mogi das Cruzes, no contexto do processo de urbanização, entende-se a Festa do Divino como um ritual dinâmico no tempo e no espaço, ajustando-se à realidade a qual se insere, mas mantendo alguns de seus aspectos mais essenciais, entre eles, o caráter popular.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Cultura; Tradição; Popular; Religiosidade; Festa.

### **ABSTRACT:**

There are many popular religiousness manifestations in Brazil that, once brought by the Portuguese colonizers, here were translated to different languages, according to the reality of each place. This historical process offers us a lot of questions and possibilities of investigation, due to the fact that such manifestations, nowadays considered as traditional, folkloric or religiousness, persists articulating in a contradictory way the past and the present. With the objective of studying the Holy Ghost Party that happens in Mogi das Cruzes, in the context of urbanization process, the Divine Party is understood as a dynamic ritual in the time and in the space, adjusting itself to the reality of which it is inserted, but keeping some of its more recent aspects, among them, the popular character.

### **KEY WORDS:**

Culture; Tradition; Popular; Religiousness; Party.

### **Palavras introdutórias**

Este artigo é resultado de pesquisa realizada para a tese de doutorado (defendida em 2007).

Foram quatro anos (2003-2006) de acompanhamento da Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes (SP), sendo que as

entrevistas foram realizadas, na sua maioria, durante o ano de 2006.

A escolha do tema resultou do afinamento de uma preocupação mais ampla, que abarcava a cultura caipira, sobretudo no que diz respeito à religiosidade popular, presente na região metropolitana de São Paulo. Desta forma, toda festa popular, de vários

municípios, requereria muita atenção e dedicação, podendo, inclusive, inviabilizar a própria pesquisa. Seria necessário, portanto, restringir a problemática, apontando uma festa, localizada em um município da metrópole.

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes foi, finalmente, escolhida como tema central, por causa de suas proporções, pela mistura de um certo luxo com a simplicidade advinda da forte presença popular, que a diferenciava das demais festas até então observadas.

Assim, apresentamos um pouco sobre a Festa do Divino de Mogi, trazendo alguns de seus aspectos do passado e, principalmente, mostrando a articulação entre o tradicional e o moderno, além de apontar para a relação rural-urbano que a Festa revela.

### A Festa

Há, nas festas da religiosidade popular, elementos remotos, que datam de tempos antigos e nos remetem aos rituais de reverência à natureza. Referimo-nos aos cultos pagãos, de forte relação e diálogo com os elementos da natureza, cultos estes que traziam a garantia de fartura, de fertilidade e de proteção contra catástrofes naturais. A festa era, portanto, o momento oportuno para agradecer à natureza pela colheita recente e farta, a alegria e a energia do encontro e da atividade coletiva.

A festa não aparece como ruptura com o cotidiano, mas antes, como o seu engrandecimento, momento em que energias acumuladas “explodem” e toda a alegria, a exuberância, a beleza, a quebra das regras, o exagero são manifestados (LEFEBVRE, 1958). O tempo da festa é aqui, marcado pelo tempo cíclico da natureza, assim como o tempo do trabalho, realizado para suprir necessidades imediatas, e não, a partir da lógica da acumulação de capital.

Com o crescimento do poder da Igreja Católica sobre a sociedade, a festa pagã (da e para a natureza) começou a representar uma

ameaça à moral, à ordem, segundo os preceitos cristãos. A prática da festa deveria ser, portanto, absorvida pelos seus dogmas, sendo o calendário religioso um dos instrumentos desta cooptação.

A Igreja alterou os dias santificados para que coincidisse com os meses de trabalho mais leves, do inverno à primavera, do Natal à Páscoa, unindo o calendário católico ao agrário. Assim, a Igreja poderia ter o controle sobre a vida do homem na sociedade. Explica Thompson (1998: 51):

*Em geral, o clero que exerce suas funções pastorais com desvelo sempre encontra maneiras de coexistir com as superstições pagãs e heréticas de seu rebanho. Por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexados ao calendário religioso anual, podem ser assim cristianizados, servindo para reforçar a autoridade da Igreja. [...] O mais importante é que a Igreja devia, nos seus rituais, controlar os ritos de passagem da vida pessoal e anexar os festivais populares a seu próprio calendário.*

A Igreja, ao permitir a permanência de alguns elementos (os considerados “inofensivos”) das manifestações festivas pagãs, foi caracterizando-os como “folclóricos”. Tal fato segue a favor dos festejos religiosos do catolicismo popular, na medida em que o folclore, entendido como um dos aspectos da cultura popular, ou da sabedoria do povo, preserva determinados valores e códigos morais e éticos, desempenhando, desta forma, uma função social (FERNANDES, 1998). Assim,

*[...] as manifestações folclóricas podem ser “sobrevivências” de um passado mais ou menos remoto. Nem por isso elas devem ser concebidas como algo universalmente vazio de interesses ou de utilidade para os seres humanos. Reciprocamente, as manifestações folclóricas podem inserir-se entre os elementos mais persistentes e visíveis de certas formas de atuação social. Nem por isso se deve supor que*

*elas desempenham, universal e invariavelmente, determinadas funções sociais. Tudo depende da relação existente entre as manifestações folclóricas e o fluxo social. (FERNANDES, 1998: 56)*

O folclore pode desempenhar uma função social também no momento das festividades da religiosidade popular, através da transmissão de crenças e costumes, na medida em que se realiza como elo entre o passado (remoto) e o presente (atualizado), e vislumbra o futuro (devir).

As festas pagãs, conhecidas como Maias ou Janeiras por causa dos meses, na Europa, referentes ao fim das colheitas e menos trabalho (ANDRADE, 1937), tornaram-se reminiscências no interior das festas da religiosidade popular. As homenagens ao Espírito Santo, por exemplo, têm início cinquenta dias após a Páscoa (ressurreição de Jesus Cristo), coincidindo com o mês de maio ou, o mais tardar, com o início de junho. É Pentecostes<sup>1</sup>, o dia da descida do Espírito Santo na Terra, em forma de línguas de fogo aos apóstolos e à Virgem Maria, conforme Jesus havia anunciado (Atos dos Apóstolos 1,8 e 2,1-4). Uma pomba branca representa o Espírito Santo, porque foi desta forma que Ele batizou Jesus Cristo (Evangelho Segundo São João 1,31-34). Associando as línguas de fogo com a pomba, temos como ícone das homenagens ao Espírito Santo, uma bandeira vermelha com uma pomba branca ao centro.

Portanto, as festividades em homenagem ao Espírito Santo misturam costumes pagãos antigos com a fé e devoção ao Divino, constituindo-se numa manifestação da religiosidade popular.

Em meio à união entre o religioso e o pagão, as homenagens ao Espírito Santo encontram fundamento também na utopia do abade italiano Joaquim de Fiore (1145-1202). Para ele, o mundo estaria dividido em três Eras: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. A Idade do Pai, a qual tem origem com a criação do mundo, está relatada no Antigo Testamento da Bíblia. Com o nascimento de Jesus Cristo, teria

iniciado a Era do Filho registrada no Novo Testamento, que terminaria no século XIII, dando passagem à Era do Espírito Santo, que traria igualdade, caridade, justiça, abundância e harmonia para a humanidade. Seria necessário, porém, que um novo “chefe”, assim como foi Jesus Cristo, substituísse os bispos da Igreja Católica e levasse a paz e a harmonia aos povos, acabando com a pobreza e as doenças que aterrorizavam os europeus (BRANDÃO, 1978).

Os franciscanos, por sua vez, associaram a figura do novo “chefe” a Francisco de Assis (falecido no início do século XIII), dando sustentação à profecia de Joaquim de Fiore e difundindo-a, apesar de perseguições e acusações de heresia (BRANDÃO, 1978).

Em Portugal, as homenagens festivas ao Espírito Santo foram incentivadas pela Rainha Dona Isabel, esposa do Rei Dom Diniz, no início do século XIV, com a construção da capela do Espírito Santo, em Alenquer (CASCUDO, 2001). Conta a lenda que quando o reino de Portugal estava passando por uma terrível crise, a Rainha Dona Isabel ofereceu ao Espírito Santo o cetro e a coroa reais, deixando o reino de Portugal sob Seus cuidados. A Rainha retirou-se em um convento, retornando depois de o seu reino ter superado a crise.

Em agradecimento ao Espírito Santo, ela promoveu uma festa em sua homenagem, que se tornou tradição. Na ocasião havia a coroação de um mendigo por um sacerdote, que tornava-se imperador por um dia, acompanhada pela distribuição de alimentos aos pobres – os “vodos<sup>2</sup>”.

Em Portugal, os “vodos” foram proibidos em fins do século XV e início do XVI, por Dom Manuel, que apenas permitiu a sua prática nas Festas do Divino Espírito Santo. Talvez tenha sido este ato uma homenagem de Dom Manuel à Rainha Dona Isabel, a grande devota do Paráclito (ETZEL, 1995).

Francisco Manuel Esperança, citado por Vieira Fazenda (1920), descreve a Festa do Espírito Santo que acontecia em Portugal:

*[...] no domingo, pela manhã, entrava na igreja do Convento de São Francisco o que havia de servir de imperador, assistido de dous reis, e seguido de nobreza e povo, com três pagens, que lhes levavam as côroas (uma das quaes era a que deixou para a festa a mesma Sancta Rainha); e sendo estas offercidas no altar, um religioso, com vestes sacerdotaes, coroava com estas aos três suppostos monarchas que, assim coroados acompanhavam a procissão. Á tarde, saía o imperador da igreja do Espírito Sancto, com muitas festas, trombetas e multidão de gente, com cannas verdes nas mãos e dous pagens adeante com a coroa, e outro com o estoque, e assim entrava na igreja de S. Francisco. O sacristão ahi dava ramilhetes a nobres, que dançavam com duas donzellas honestissimas que acompanhavam o imperador, na qualidade de damas, a titulo de se lhes dar parte do dote para casamento. Esta mímica era precedida de nova coroação; depois voltava o imperador á igreja do Espírito Sancto e lá depunha a coroa nas mãos de um sacerdote.*

*Nos dous domingos seguintes continuava a festa, e no último entrava muito pela meia noite, e por isso se lhe chamavam domingo dos fogaréos, em consequência das luzes. As vésperas eram solemnissimas, e depois dellas se fazia uma apparatusa procissão chamada da candeia, de que a mesma Sancta Rainha foi auctora, e saía de S. Francisco, acompanhada de um homem com umas madeixas de cera, de que ficava ardendo uma ponta no altar, e o mais se estendia pela villa até chegar á igreja da Triana. (FAZENDA, 1920: 367)*

Até hoje, festas do Divino Espírito Santo são realizadas em Portugal, e, assim como no Brasil, cada localidade possui sua especificidade. Porém, alguns de seus elementos se mantêm, constituem o que poderíamos chamar de elementos primordiais para a realização da festa, tais como: Império do Divino, Festeiro (ou Imperador ou ainda, Mordomo), a

comensalidade, as procissões, as ornamentações etc., como veremos na Festa do Divino de Mogi das Cruzes.

### **A Divina Festa de Mogi das Cruzes**

Apesar de a imprensa (principalmente escrita) divulgar que a Festa do Divino acontece na cidade de Mogi das Cruzes<sup>3</sup> há cerca de trezentos anos, o documento mais antigo desta manifestação popular, encontrado para esta pesquisa, data de 1822. O registro<sup>4</sup> refere-se a uma solicitação da Paróquia de Santana à Arquidiocese de São Paulo, de autorização para exposição do Imperador de Mogi. Isso significa dizer que, no mínimo, havia uma celebração, provavelmente com procissão pelas ruas centrais de Mogi, com uma representação do Imperador do Divino.

Conforme relatos colhidos durante a pesquisa, na segunda metade do século XIX, havia a figura do Bandeireiro compondo um dos momentos de preparação para a Festa do Divino de Mogi. A sua função era sair pelos bairros rurais e pelas ruas da cidade, levando uma Bandeira do Divino que abençoaria as famílias visitadas. A Bandeira teria, inclusive, poder de cura. O Bandeireiro, espontaneamente, seguia sozinho o seu trajeto, antes do período da Festa, arrecadando prendas para a mesma. Aos poucos, esse personagem foi desaparecendo de Mogi das Cruzes.

As famílias do meio rural chegavam para a Festa na véspera do dia de Pentecostes, e eram recepcionadas pelos Festeiros<sup>5</sup>, com o Afogado – uma espécie de ensopado de carne, rico em gordura e servido quente, com farinha de mandioca no fundo do prato. A Festa, para esta população, era uma oportunidade para o exercício da troca e do comércio, em que o excedente produzido na roça era escoado na cidade e/ou trocado por produtos processados, como sal, querosene e tecidos. Os carros de bois, meio de transporte utilizado na época, eram forrados com folhas de palmito, sobre as quais era colocada a produção excedente,

costume que veio a ser um dos fundamentos, mais tarde, do cortejo chamado Entrada dos Palmitos, sobre o qual trataremos mais adiante.

Mário de Andrade (2002) registrou, já na década de 1930, a presença de grupos de Congada, Moçambique<sup>6</sup> e Cavalhada<sup>7</sup>, que se apresentavam durante a Festa do Divino de Mogi das Cruzes. Demonstrava, desta forma, a Festa como um grande acontecimento na cidade, reunindo pessoas de vários setores da sociedade. Nesta época, os palmitos, então abundantes na zona rural, eram cortados pela raiz e trazidos para a cidade em carros de bois e depois, fincados nas ruas centrais, de dez em dez metros, em alusão a este passado descrito anteriormente. Os Festeiros mantêm a distribuição do Afogado na véspera de Pentecostes, mas agora, muito mais em nome de uma tradição, uma representação do passado.

Embora tenha havido interrupções na sua realização, a homenagem ao Divino Espírito Santo é uma das festividades religiosas que permaneceu mais fortemente arraigada em Mogi das Cruzes, sendo hoje, considerada uma das maiores do estado de São Paulo, o que nos leva a pensar na sua importância, seja religiosa, seja econômica ou política, ou no âmbito da cultura popular.

Para arcar com as despesas da Festa, os Festeiros precisavam ser bem relacionados socialmente, sendo que até a década de 1980 costumava-se passar um "Livro de Ouro", para angariar recursos para a Festa<sup>8</sup>. No Livro de Ouro, empresas e pessoas físicas assinavam doando à Festa aquilo que estivesse ao seu alcance, desde dinheiro até porcos, galinhas, grãos, etc.

Após várias ameaças de a Festa do Divino de Mogi das Cruzes sucumbir, houve um "movimento" para evidenciar o seu aspecto chamado folclórico, que vinha na contramão do discurso do "progresso" da cidade<sup>9</sup>. Em 1985, a Festa entrou no calendário turístico<sup>10</sup> de Mogi das Cruzes, chamando a atenção de pesquisadores do folclore, da mídia e da

população, e, aos poucos convocando o poder público e as empresas a contribuir para a perpetuação da tradição.

Hoje, a Festa do Divino de Mogi das Cruzes conta com a dedicação da Associação Pró-Festa do Divino (Pró-Divino), fundada em 1994 por iniciativa de um grupo de ex-Festeiros. A Pró-Divino possui sede própria, desde 1997, quando a Prefeitura Municipal doou terreno para a sua instalação; é constituída por uma diretoria com mandato bianual, por coordenações e subcoordenações.

O objetivo inicial da Associação, que era guardar e conservar o acervo da Festa, acabou por ampliar-se. De auxílio aos Festeiros, facilitando o acesso ao material utilizado na Festa, tornou-se, hoje, executora da mesma. A Associação não tem poder de decisão, apenas de execução e orientação dos Festeiros que, por sua vez, devem acatar as determinações do Bispo Diocesano<sup>11</sup>. A Pró-Divino auxilia também na arrecadação de recursos para a Festa, através da coordenação de *marketing*, que busca patrocínio junto a empresas localizadas em Mogi das Cruzes e região. Os logotipos destas empresas são impressos em cartazes, faixas de divulgação da Festa do Divino, em cadernos de cânticos e orações, e ainda, em uniformes dos voluntários que trabalham na quermesse: camisetas, aventais, bonés...

Os preparativos para a Festa – que dura onze dias, principalmente por causa da Novena - começam cerca de um ano antes da sua realização, logo que termina a do ano corrente, quando os novos Festeiros são escolhidos. Durante nove meses que antecedem a Festa são realizados chás-bingo com o intuito de angariar fundos para a mesma. Estes são organizados pelos Festeiros e Capitães de Mastro, com apoio da Associação Pró-Divino.

Já no início do ano, ou seja, cerca de quatro meses que antecedem a Festa, as rezadeiras principiam a missão evangelizadora. Seu trabalho consiste em visitar casas de devotos que solicitarem, por agendamento

prévio. A imagem da Pomba Branca visita, sob os cuidados das rezadeiras, de uma a duas casas por dia, onde é rezada a Coroa do Divino<sup>12</sup>. Também são entoadas canções ao Divino, e lidos alguns Salmos da Bíblia, conforme orientação da Igreja. Terminadas as orações, a todos os presentes são oferecidos chá, café, bolo, pão...

Cada rezadeira – hoje somam cerca de sessenta em Mogi das Cruzes – “cobre” o seu bairro e, em cada casa que visita, agrega vizinhos, parentes e amigos. As rezadeiras tornam-se “guardiãs” de pedidos ao Divino, escritos em pequenos pedaços de papel e depositados em uma caixa. Estes pedidos são incinerados na noite de Pentecostes, num ritual realizado pouco antes de finalizada a Festa. Também é costume, durante a visita das rezadeiras, doar alguma quantia em dinheiro como contribuição para a Festa.

Pode-se dizer que o papel das rezadeiras hoje seja uma atualização daquele exercido pelo Bandeireiro ou pela Folia do Divino. De origem portuguesa, a Folia consiste em um pequeno grupo formado por vários instrumentistas que saem pelos bairros rurais a pedir prendas para a Festa do Divino. Leva consigo uma Bandeira do Divino, que garante a bênção sobre a família que a recebe e, às vezes, a acolhe dando-lhe pouso.

Martha Abreu (1999) descreve bem a presença e o papel da Folia do Divino no Rio de Janeiro, no século XIX. O grupo era constituído por um Bandeireiro, aquele que carrega a Bandeira do Divino, seguido por músicos barbeiros<sup>13</sup>, geralmente negros (escravos ou livres), contratados pela Irmandade do Espírito Santo, então provedora da Festa. Tocavam e cantavam os seguintes versos, conforme Vieira Fazenda (1923: 372-373):

*Oh Divino Espírito Sancto  
Pae dos pobres, amoroso,  
Ponde senhor, no meu peito,  
Um coração fervoroso.*

*O Divino Espírito Sancto  
É Sancto Consolador,*

*Consolae a nossa alma,  
Quando deste mundo for.*

*O Divino pede esmola,  
Mas não é por carecer,  
É só para experimentar  
Quem seu devoto quer ser.*

*Tantas moças na janella  
Não fazem sinão olhar;  
O Divino pede esmola  
Mas ellas não sabem dar.*

*A bandeira se despede  
Com toda a sua folia;  
Viva a dona desta casa  
E toda sua companhia.*

Na Festa do Espírito Santo de Mogi das Cruzes, a Folia do Divino nunca exerceu este papel; apenas representa a peregrinação durante a Passeata das Bandeiras, nos dias de Festa, visitando brevemente algumas casas do centro da cidade, previamente agendadas<sup>14</sup>. As rezadeiras, por sua vez, levam o Divino nas casas, mas individualmente e organizadas pela Associação Pró-Divino.

A Festa tem início em uma quinta-feira (dia da Ascensão do Senhor) com o Encontro de Bandeiras em frente à casa dos Festeiros. As pessoas trazem suas bandeiras vermelhas, enfeitadas com sete fitas de variadas cores, sendo que cada uma delas simboliza um dom do Divino Espírito Santo, dons estes atribuídos por Isaías (11, 2)<sup>15</sup>: “Sobre ele [Messias] repousará o espírito de Javé, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e força, espírito de ciência e temor a Javé e ele respirará o temor de Javé.”

Não se sabe como, desde quando e nem por quê foram atribuídas cores aos dons, conforme segue: azul – sabedoria; prata – entendimento ou inteligência; verde – conselho; vermelho – fortaleza; amarelo – ciência ou conhecimento; azul escuro – piedade; roxo – temor a Deus. Porém muitos

devotos atribuem as cores aos dons sem seguir essa ordem oficial, "*seguindo o que o coração mandar, assim cada cor de fita terá um dom diferente, e as fitas terão significados diferentes para cada devoto*"<sup>16</sup>.

Em procissão, os devotos seguem para o Império do Divino, abrigo do altar do Espírito Santo (a pomba branca) construído especialmente para este fim, localizado na Praça Coronel Almeida, em frente à Catedral de Santana.

**Foto 1**

Foto: Neusa de Fátima Mariano/ 2006.



Interior do Império do Divino, montado especialmente para a Festa, na Praça da Catedral de Santana.

Neste local acontece o hasteamento das bandeiras da Paz, do município de Mogi das Cruzes e da do Divino Espírito Santo, que recebem as bênçãos do Bispo Diocesano de Mogi das Cruzes. Em seguida é realizada a Abertura do Império, um ritual com a participação da Folia do Divino de Biritiba Ussu<sup>17</sup>, que toca e canta no momento.

A cada ano o Império do Divino Espírito Santo é montado quando começa, e desmontado quando termina a Festa; é o local onde algumas Bandeiras são guardadas, principalmente as dos Festeiros e Capitães de Mastro, e onde também ficam o cetro e a coroa reais, levados nas procissões que compõem a Festa, assim como as Bandeiras. O Império fica aberto à visitação pública durante o dia todo, onde as pessoas rezam, beijam as Bandeiras dos Festeiros e Capitães de Mastro, fazem nós nas fitas coloridas em sinal de algum pedido ao Espírito Santo, ou fazem tais pedidos por escrito. Estes últimos são depositados em uma urna e, juntamente com as fitas com nós e com os pedidos recolhidos pelas rezadeiras, serão queimados no Dia de Pentecostes, ao final da Festa.

Em procissão, após a bênção das Bandeiras, os Festeiros, os Capitães de Mastro e os devotos seguem para o local da Quermesse, abrindo-a oficialmente no seu Subimpério<sup>18</sup>. Atualmente há muitos Subimpérios durante a Festa do Divino que, segundo coordenadores da Associação Pró-Festa do Divino, tiveram início em apenas três escolas (começo dos anos 1990), a fim de ensinar, às novas gerações, a tradição da Festa. Hoje, cerca de cem Subimpérios são montados em escolas (públicas e privadas), além daqueles montados em estabelecimentos comerciais e prédios públicos.

Desde 2003<sup>19</sup>, a Quermesse é realizada no Centro de Iniciação Profissional Maurício Najar (CIP), local distante da Praça Coronel Almeida onde fica o Império do Divino. Um pouco distante da igreja de Santana, e próximo à sede da Pró-Divino, o CIP é grande o suficiente para

abrigar as barracas de comidas, bebidas e doces, além de um conjunto de diversões como o bingo, o karaokê, shows, etc. Torna-se, por isso mesmo, uma outra centralidade da Festa. Atividade de todas as noites, a Quermesse conta com o trabalho voluntário dos devotos nas barracas oficiais da Festa, organizadas pela Associação Pró-Divino.

A Quermesse é o espaço de arrecadação de recursos para pagamento da própria Festa, pois são muitos os gastos, principalmente estruturais, desde o Império até a Entrada dos Palmitos. Mas a Quermesse é também um meio de auxílio às entidades assistenciais. Estas, que somam cerca de quinze, montam suas barracas de doces, salgados, bebidas, etc, e ficam com 75% do que arrecadam. O restante é destinado à Associação que, após acertar todas as contas, repassa o saldo à Mitra Diocesana de Mogi das Cruzes<sup>20</sup>. Cabe observar que a Quermesse é também um espaço de aparente igualdade, pois membros da elite trabalham como voluntários ao lado de uma população menos abastada, ligeiramente fazendo desaparecer a desigualdade social. Entretanto, a imprensa os revela, os evidencia mais ainda, oferecendo-lhes *status*, na qualidade de humildes, voluntários em nome do Espírito Santo.

A partir do segundo dia de festa é iniciada a Novena, às 19:00h, na Catedral de Santana, celebração eucarística com a participação do Bispo Diocesano, de padres da Diocese de Mogi das Cruzes e de fiéis em geral. Logo após a missa da Novena<sup>21</sup>, é realizada a Passeata das Bandeiras que, com a participação da Folia do Divino, acompanhada por cerca de cem a cento e cinquenta pessoas, percorre as ruas do centro da cidade, em visita a algumas casas, principalmente as de ex-Festeiros.

Porém, tem sido freqüente a Passeata visitar o jornal O Diário de Mogi, a TV Diário, afiliada à Rede Globo de Televisão, e a Universidade de Mogi das Cruzes, já que são parceiras da Festa, e contribuem com a divulgação da mesma. Para chegar à TV Diário e à Universidade de Mogi das Cruzes, o percurso

é feito por ônibus, geralmente dois, modificando o ritual que consiste em rezas e cantos durante a caminhada.

Quando a Passeata chega ao local programado pelos coordenadores da Associação Pró-Divino, a Folia do Divino, sob o comando do Mestre, canta o verso de chegada após o cetro, a coroa e a Bandeira serem passados para os donos da casa. Em frente a um Subimpério, o dono da casa faz uso da palavra, agradece, reza, e todos rezam juntos. Os versos cantados pela Folia variam conforme a casa, o estabelecimento, a família, as imagens que estiverem no altar ou ainda, a bebida (alcoólica ou não)<sup>22</sup>.

*Quando vir em sua casa  
Uma bandeira chegar  
É o Divino Espírito Santo  
Que veio lhe visitar.  
...  
Abençoada foi a mão  
que acendeu aquela vela  
Será abençoado  
por essa bandeira donzela.  
...  
As imagens que aqui estão  
E todas elas são sagradas  
Em nós lançai a santa benção  
Por a grande caridade.  
(Folia do Divino de Biritiba Ussu)*

Após a distribuição de comes e bebes, oferecidos pelos donos da casa, a Folia canta o agradecimento e a despedida, e todos voltam em procissão ao Império do Divino.

*O Senhor e sua família  
Licença queira nos dar  
O meu Divino vai embora  
E nós queremos acompanhar, ehh!!  
(CAMPOS, 2001: 18)*

A Alvorada acontece durante nove dias, sempre às 5:00h da madrugada. Trata-se de uma caminhada ao amanhecer, para receber os

primeiros raios de sol do dia, ou seja, a luz do Espírito Santo. A procissão sempre parte do Império do Divino, com a participação da Folia do Divino, e percorre várias ruas do centro, invocando as bênçãos do Divino Espírito Santo para a cidade que desperta. À frente estão os "lanterneiros", que carregam lanternas rústicas feitas de madeira, com velas acesas, que iluminam o caminho da procissão, do mesmo modo como nas Passeatas das Bandeiras.

Destacam-se dois dias da Alvorada, por apresentarem suas especificidades: na primeira segunda-feira da Festa, a Alvorada se dirige ao Cemitério de São Salvador onde o Bispo aguarda os devotos para celebrar uma missa em intenção de Festeiros, de Capitães de Mastro e de devotos falecidos. Esse é um dia bastante especial na festividade, pois foge ao ritual comum da Alvorada, contando com a participação de muita gente, apesar de ser segunda-feira, dia normal de trabalho; no último dia da Alvorada, ou seja, no Domingo de Pentecostes, acontece o ritual da fogueira, em que a procissão é recebida pelas pessoas que ficaram em vigília na igreja Nossa Senhora do Carmo. Em frente a essa igreja é feita uma celebração diante de uma fogueira. Bastante significativo este momento para os devotos porque, neste ritual, o Padre invoca o Espírito Santo e pede para que as pessoas coloquem as mãos sobre as cabeças de outras e orem para que o Espírito Santo ilumine suas vidas.

A Alvorada, durante os nove dias, sempre termina no Império, onde a Folia do Divino finaliza, cantando mais um verso em agradecimento ao Espírito Santo. Em seguida, todos vão para o Salão Paroquial da Catedral, onde é servido café e pão com mortadela, além dos chamados biscoitos de Mogi, ou biscoitos de Santo Antonio, garantia de fartura se guardados junto aos mantimentos da casa.

A tarde do primeiro domingo da Festa é reservada para as crianças, pois no CIP acontece a Tarde dos Folguedos Infantis: corrida

do saco, corrida do ovo na colher e outras brincadeiras, sob os cuidados de voluntários, especialmente estudantes das Universidades Braz Cubas e de Mogi das Cruzes. Assim, acreditam os organizadores da Festa, há um processo de aprendizado da tradição, que se inicia desde criança; portanto, a Festa reserva espaço com vistas ao seu futuro, à perpetuação da tradição.

Um dos momentos que mais chama atenção na Festa do Divino é a Entrada dos Palmitos que acontece no sábado, a partir de 9:00h, véspera do Dia de Pentecostes, momento este registrado e estudado por Mário de Andrade na década de 1930. Segundo ele, a Entrada dos Palmitos tem origem nas festas européias realizadas durante o mês de maio - as festas Maias - e apresenta-se como reminiscência do culto vegetal da primavera. Mário de Andrade (1937: 62) entende que o palmito e os carros de bois não são meras

adaptações, mas "produtos derivados mais profundamente da tradição". Para o autor, há forte ligação entre a Entrada dos Palmitos e as tradições européias como, por exemplo, a prática de se plantar uma árvore-de-maio diante de cada casa, ou a de conduzir, de porta em porta, uma árvore com o objetivo de trazer os benefícios que o espírito da árvore concede, durante as festas realizadas no mês de maio.

As ruas do centro de Mogi das Cruzes, enfeitadas com folhas de palmeira, ficam totalmente tomadas, durante a Entrada dos Palmitos, pelas pessoas que desfilam em grupos, com suas bandeiras, pagando promessas, e também por aqueles que vão apenas assistir. Algumas casas das ruas por onde passa o cortejo são decoradas com bandeiras, altares, flores, colchas coloridas nas janelas, e as pessoas jogam pétalas de rosas e aplaudem quando passam os Festeiros e os Capitães de Mastro.

Foto 2



Foto: Nausa de Fátima Mariano/2006.

Festeiros e Capitães de Mastro de Festas anteriores e atuais, na Entrada dos Palmitos.

Participam do desfile, devotos com bandeiras do Divino, Festeiros e ex-Festeiros, Capitães e ex-Capitães de Mastro, casal de crianças representando o Imperador e a Imperatriz do Divino, Banda de Música Santa Cecília, grupos de Congada e Moçambique, Banda de Clarins da Cavalaria da Polícia Militar, irmandades e paróquias, carros de bois, carroças, cavaleiros, etc. Algumas alas - vamos chamar assim - se manifestam com música, como a Banda Santa Cecília, grupos escolares, Folia do Divino dos Açores, etc.; outras cantam e

dançam como os grupos de Congada e Moçambique; ou tocam berrante como os cavaleiros; há ainda as que rezam e outras que apenas desfilam em silêncio, carregando a Bandeira do Divino.

A charola, primeiro carro de boi que traz alimentos diversos numa armação redonda de arame (legumes, grãos, cereais e demais alimentos não perecíveis), e representa os vegetais vindos do campo para a cidade, dá início à seqüência de carros de bois.

Foto 3



Foto: Neusa de Fátima Marano/2006.

Charola, carro de bois que carrega alimentos, abre a seqüência de carros de bois no cortejo da Entrada dos Palmitos.

Depois do desfile, os alimentos são doados às instituições de caridade: creches, asilos e afins.

Os carros de bois vêm de fora do município de Mogi das Cruzes; eles chegam à cidade na tarde de sexta-feira, para o desfile do dia seguinte. Eles ficam instalados num terreno sob os cuidados da Associação Pró-Festa do Divino onde, no sábado pela manhã,

são enfeitados com flores de papel crepom ou naturais, e folhas de palmeiras, representando o palmito. Crianças, organizadas pelas escolas, sob a coordenação da Associação, desfilam dentro dos carros de bois. Todas as crianças são identificadas com crachás e seus professores caminham próximos a elas, dando-lhes água ou qualquer outro tipo de assistência, durante o cortejo.

Em seguida aos carros de bois, as charretes são exibidas e, logo depois, os cavaleiros. Estes últimos vêm da zona rural de Mogi das Cruzes ou de outros municípios próximos, porém, diferentemente do que ocorre com os carros de bois, os cavaleiros não são contatados previamente pela Associação; eles vão para a Entrada dos Palmitos de forma espontânea. Por último, a Banda de Clarins da Polícia Militar, montada em cavalos, participa do evento. Pouca importância parece ser dada aos garis, que participam trabalhando, pois logo que o cortejo passa, as ruas vão sendo limpas e, ao término da Entrada dos Palmitos, quase não há vestígios do ocorrido.

A Entrada dos Palmitos termina na Praça Central, em frente ao Império do Divino. De lá há a dispersão dos grupos para evitar tumulto e liberar as vias públicas do centro da cidade.

Após a Entrada dos Palmitos é distribuído o Afogado – chamado carinhosamente de Afogadão<sup>23</sup> - aos devotos e “grupos folclóricos” no CIP, e ao pessoal dos carros de bois no acampamento onde se concentram desde o dia anterior. O Afogadão começa a ser preparado na noite de sexta-feira por cerca de trinta voluntários e a fila para se conseguir um prato do alimento considerado sagrado, inclusive com poderes curativos, é bem extensa, chegando a população a esperar até cerca de uma a duas horas. São distribuídos, hoje, uma média de cinco mil pratos de Afogado aos devotos.

Ainda no sábado, o ritual do levantamento do Mastro<sup>24</sup> tem início às 17:00h com a concentração das bandeiras na casa dos Capitães de Mastro. Em procissão, os devotos, alguns deles carregando o Mastro, seguem até a Praça da Catedral, acompanhados pelos “lanterneiros” e pelos “grupos folclóricos”. Ao chegar à Catedral de Santana, o padre benze, aspergindo água benta na Bandeira do Divino levada pelos Capitães de Mastro; em seguida é levantado o Mastro com a respectiva Bandeira do Divino e servido, ali mesmo, o “licor rosa-sol”, feito com cravo e canela. Alguns grupos de Congada e Moçambique dançam em frente à

Bandeira hasteada, outros o fazem em frente ao Império do Divino enquanto na igreja acontece a última missa da Novena do Espírito Santo.

No dia de Pentecostes, pela manhã, as escolas e demais instituições iniciam a confecção do Tapete Ornamental nas ruas centrais de Mogi das Cruzes, com pó de quartzo e serragem coloridos. A confecção do Tapete Ornamental é feita desde 1994 que, mesmo sendo tradição dos festejos de Corpus Christi, foi introduzido à festividade do Espírito Santo, com o objetivo de torná-la mais incrementada<sup>25</sup>.

Os quadros do tapete são padronizados e cada escola escolhe o seu desenho e o seu tema, que pode ser: os dons do Divino Espírito Santo, a Quermesse, a Entrada dos Palmitos, a campanha da fraternidade, entre outros. Intercalando os quadros temáticos há as passadeiras que são quadros mais simples de desenho único, também confeccionados por essas instituições. Participam escolas públicas estaduais e municipais, e privadas, além de algumas paróquias e instituições como a APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

O Bispo, como autoridade máxima da Igreja no local, é o primeiro a pisar no tapete durante a Procissão de Pentecostes. Nas margens das ruas há duas faixas livres, sem tapete, para que todos os que estão antes do Bispo possam passar em fila única, uma de cada lado da via. Após a passagem do Bispo, todos podem caminhar pelo tapete, desfazendo as imagens. Alguns fiéis recolhem um pouco do material do tapete, acreditando ser sagrado por estar benzido, após a passagem da Procissão.

Na Procissão de Pentecostes, realizada no domingo, estão presentes os grupos de Congada e Moçambique, as Irmandades de São Benedito, do Sagrado Coração de Jesus, de Santana e do Santíssimo Sacramento, além da Venerável Ordem Terceira do Carmo; em seguida estão as rezadeiras, uniformizadas com saia e casaco azuis, carregando os pedidos dos devotos dentro de caixas fechadas. Seguem-se o Bispo Diocesano e os padres; o Imperador

e a Imperatriz (casal de crianças); os Festeiros e Capitães de Mastro; os casais de ex-Festeiros

e ex-Capitães do Mastro; o andor do Divino carregado por rapazes do Tiro de Guerra;

**Foto 4**

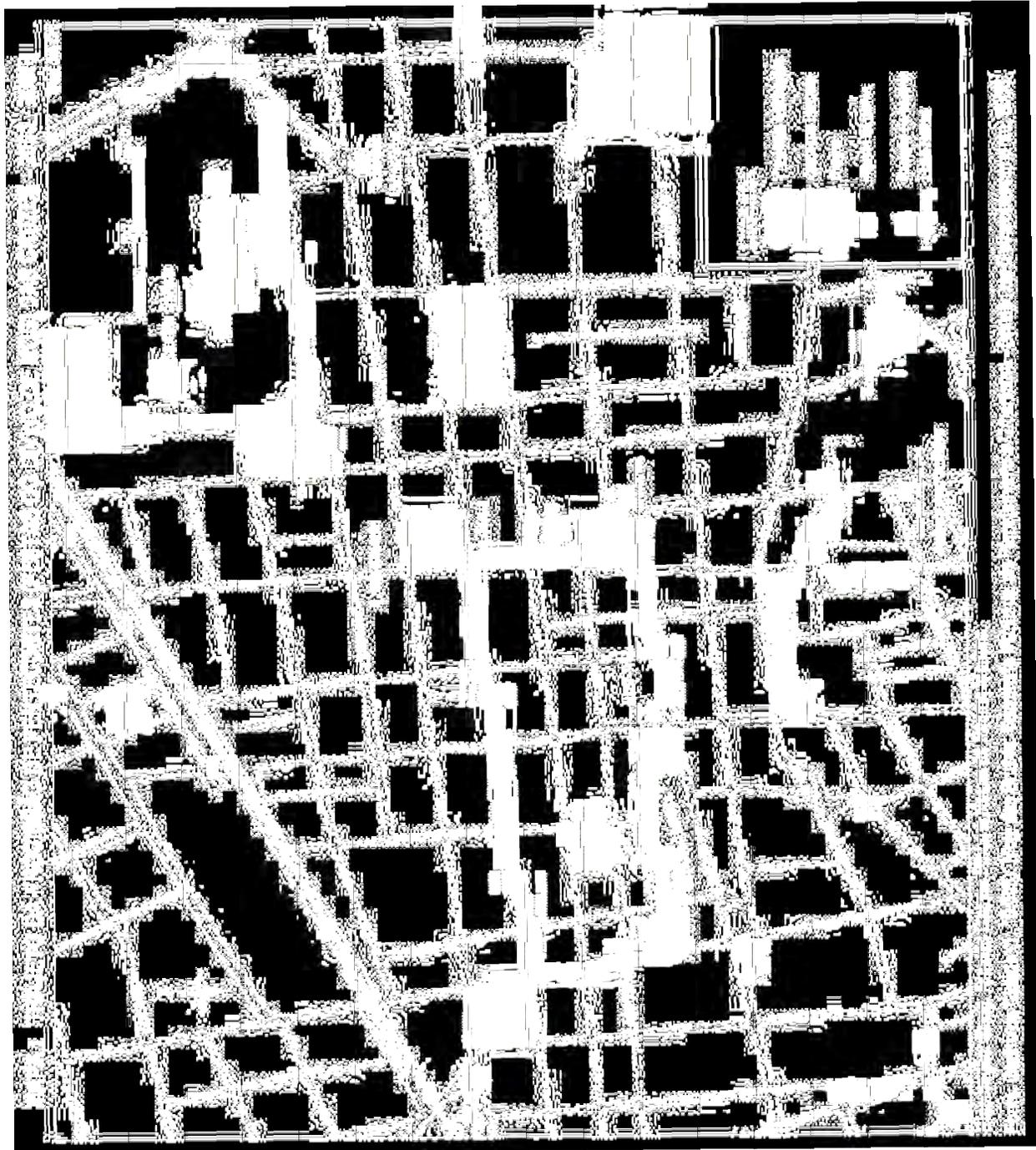


**Andor com a Pomba do Divino, durante a Procissão de Pentecostes.**

A Banda Santa Cecília, e os devotos em geral. Há variação nesta ordem, dependendo dos organizadores da Procissão.

No percurso do cortejo são colocados sete altares com a Pomba Branca, um de cada cor, representando os dons do Divino Espírito Santo. Ali, a procissão pára, reza-se um mistério da Coroa do Divino Espírito Santo e uma pomba branca, que estava engaiolada, é libertada. A

procissão parte da Catedral de Santana, chegando à igreja do Carmo, daí até a igreja de São Benedito. Segue para onde se encontra um painel em homenagem à igreja de Nossa Senhora do Rosário, demolida em 1966 (GRINBERG, 1986: 107), e termina na Catedral de Santana, onde é celebrada a última missa da Novena, pelo Bispo Diocesano de Mogi das Cruzes.



Mais uma vez, para mostrar a eficiência na limpeza das vias públicas, assim que a procissão passa e se distancia, os garis vão atrás, recolhendo os materiais do tapete já desfigurado, e jogando seus restos no caminhão de limpeza.

Logo após a missa ocorre a queima dos pedidos simbolizando a sua ascensão ao Espírito Santo e conta com a presença do Bispo, dos Festeiros e devotos em geral. Meia-Noite, os Festeiros, após uma prece, fecham as portas do Império do Divino que será reaberto somente um ano depois, na próxima Festa. Geralmente durante as celebrações de Corpus Christi é anunciado o nome dos novos Festeiros pelo Bispo Diocesano. E tudo começa outra vez.

### Palavras finais

O processo de industrialização e urbanização de São Paulo alcançou Mogi das Cruzes, não só com a instalação de indústrias nas décadas de 1950 e 1960, mas também pelas transformações ocorridas no modo de vida de seus moradores. Até então, predominava a economia de excedentes que foi dando lugar à de mercado, processo anunciado com a instalação da ferrovia que, em fins do século XIX e início do XX, já cortava a cidade.

A ferrovia trazia consigo a possibilidade de dinamização da economia local, com o escoamento da produção (agrícola principalmente) de Mogi das Cruzes, e a instalação de fábricas de beira de linha, atraindo mão de obra das proximidades. Mogi das Cruzes foi se tornando uma "continuidade" de São Paulo, pela instauração de um modo de vida urbano e pela valorização do espaço urbano que se expandia cada vez mais.

O processo de industrialização provoca a negação da cidade na medida em que há uma imposição de um novo cotidiano, regido pelo capital. Segundo Lefebvre, a indústria, uma vez implantada nas cidades, provoca a ruptura com as suas características mais antigas, prevalecendo as relações de troca em detrimento do uso e do valor de uso (LEFEBVRE: 1972).

A industrialização traz consigo a negação da cidade porque segrega, fragmenta e a dissolve, porque traz a racionalidade da produção, a divisão do trabalho, a regulação do tempo. Provoca um crescimento desordenado da cidade, uma tendência à homogeneização dos elementos do cotidiano e, por fim provoca a sua explosão. O urbano, produzido pela sociedade capitalista, nasce com a explosão da cidade, com os problemas e a deterioração da vida na cidade (LEFEBVRE, 1986).

Desta forma, temos a multiplicação e a dispersão de centros na cidade, novos centros de comércio, de produção, de decisão política, de poder. E o espaço se apresenta fragmentado e tende a se perder sob o domínio crescente da troca e do valor.

Há algumas peculiaridades tanto na paisagem urbana quanto no cotidiano que nos fazem pensar mais atentamente sobre o processo de urbanização de Mogi das Cruzes, sugerindo que aspectos do mundo rural estejam presentes em um espaço que é, hoje, considerado urbano.

A festa pode ser entendida como uma manifestação rural-urbana uma vez que se realiza no espaço urbano, e traz elementos e representações do espaço rural (do presente e do passado). Segundo Martins (2002: 221), o rural, por meio da cultura, pode permanecer durante muito tempo fora da economia agrícola, pois "[...] o rural pode subsistir culturalmente por longo tempo fora da economia agrícola. Pode subsistir como visão de mundo, como nostalgia criativa e autodefensiva, como moralidade em ambientes moralmente degradados das grandes cidades [...]".

A organização da Festa do Divino de Mogi acompanha o seu tempo, o tempo moderno, a informatização, a logística eficaz que controla os acessos às ruas tomadas pelas procissões, o patrocínio e o *marketing* indispensáveis para a sua realização. Diante deste espetáculo em que a festa da religiosidade popular tende a se transformar, resta buscar permanências, menos materiais, acima de tudo, que permitem a manifestação da ruralidade do homem urbano.

A festa, esse momento intenso do cotidiano, permite certos acontecimentos jamais repetidos durante o decorrer do ano, como por exemplo, a distribuição de alimentos como dádiva. A fartura, tão presente na Festa, como demonstra a distribuição do afogado para os devotos, remonta a um passado distante (os "vodos" europeus) e, mais recentemente em Mogi das Cruzes, quando o festeiro oferecia o alimento aos moradores do meio rural que chegavam na véspera para festejar o Espírito Santo. Esta era também uma oportunidade de trocar alimentos que eles traziam da roça, por querosene, sal, tecidos, na cidade, ou seja, para a prática do comércio da produção excedente, nem sempre mediada pelo dinheiro.

O alimento está presente em muitos momentos da Festa: quando as rezadeiras visitam as casas antes da festa, são recepcionadas com café, bolo, pão...; na Passeata das Bandeiras, após a Novena, são distribuídos os mesmos alimentos para os devotos que seguem a Folia do Divino e os Festeiros; após as Alvoradas, o café da manhã é ofertado nas dependências da Catedral de Santana; durante os onze dias de festa, os Festeiros e Capitães de Mastro visitam instituições assistenciais e distribuem, além de conforto espiritual, bolos, doces, balas; na Entrada dos Palmitos, estão lá os alimentos

expostos na charola, e, finalmente, o Afogadão é distribuído após o cortejo.

Em meio à fragmentação da vida cotidiana, a Festa hoje, ainda que também fragmentada, não só espacialmente, mas também na sua organização racionalizada, proporciona o encontro e o bem-estar; traz, através da representação que é a Entrada dos Palmitos, a vida rural e o sentimento de continuidade de uma tradição. O elo entre o urbano e o rural em Mogi das Cruzes ainda não foi completamente rompido, a relação do homem com a natureza é sempre lembrada, proporcionando um resgate das raízes do homem, mesmo que sutilmente. Assim, o passado e o presente se apresentam entrelaçados, mas voltados para o futuro, para a utopia, a promessa de um mundo melhor, trazido pelo Espírito Santo.

O mundo rural, conforme Martins (2002), é o que resta de uma urbanização e modernização aceleradas, transformando a vida cotidiana da cidade, expandida pela ocupação do espaço antes rural, e fragmentada neste processo. Desta forma, o descompasso de tempos permite a manifestação desse mundo rural, fortemente "protegido", por uma população que sente e vive tais vínculos e os fazem emergir durante uma festividade tradicional da religiosidade popular.

## Notas

<sup>1</sup> Para os judeus, Pentecostes é o dia em que se celebra a colheita e a fartura, realizada cinquenta dias após a chegada de Moisés e seu povo na Terra Prometida (ARAÚJO, 2005).

<sup>2</sup> Os "vodos" eram uma prática do século X, promovida pelos imperadores germânicos (dinastia dos Othons), que se difundiu por vários países da Europa (LIRA, 1950 apud PIAZZA, 1953), tendo sido associados às festividades do calendário católico.

<sup>3</sup> Mogi das Cruzes tornou-se vila em 1611, quando era conhecida por Santana de Mogi Mirim. Pertencente à Região Metropolitana de São Paulo,

o município de Mogi das Cruzes, com área de 714 Km<sup>2</sup>, e população de 372.419 ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acesso em abril de 2007) está localizado a 60 Km do centro da cidade de São Paulo no sentido Leste.

<sup>4</sup> Conforme Registro de Provisões 1818-1827, do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

<sup>5</sup> São Festeiros o casal responsável pela realização da Festa, muitas vezes, escolhidos por sorteio. Os Festeiros têm o direito de escolher um casal de amigos para auxiliá-lo, os Capitães de Mastro. Os Festeiros geralmente são pessoas com certo poder aquisitivo e bem relacionados socialmente.

- É preciso que o casal tenha tempo para se dedicar aos preparativos da Festa, angariar recursos e participar de todos os momentos do período festivo.
- <sup>6</sup> Grupos de Congada e Moçambique têm origem em manifestações religiosas dos escravos no Brasil, quando lhes era permitido seguir ao final de algumas procissões, depois das quais dançavam ao som de batuques em terreno nos fundos de uma igreja (MORAES, 1995).
- <sup>7</sup> A Cavallhada é uma representação da luta travada entre cristãos e mouros, e remonta à Idade Média.
- <sup>8</sup> Conforme Livro de Ouro de 1938, do Acervo do Arquivo Histórico e Pedagógico de Mogi das Cruzes.
- <sup>9</sup> Segundo O Diário de Mogi, meses de maio e junho, da década de 1980.
- <sup>10</sup> Lei n. 2.890 de 25/02/1985 (RODRIGUES Filho; DE CARLO Filho, 2004: 6).
- <sup>11</sup> Até 2003, a Associação possuía maior responsabilidade na Festa do Divino do que a que possui hoje, pois as contratações de serviços que o evento demanda passaram a ser executadas pela Mitra Diocesana, que se tornou o órgão responsável pela Festa. Ou seja, é a Mitra Diocesana que autoriza ou não a realização da Festa (segundo depoimento da coordenação da Pró-Divino, em 2006).
- <sup>12</sup> A Coroa do Divino é um tipo de terço, composto por sete Mistérios, sendo invocado em cada um, um dos sete dons do Espírito Santo, atribuídos por Isaías (11, 2). Depois de invocar sete vezes o Espírito Santo, em cada Mistério, faz-se uma invocação a Maria. Completados os sete Mistérios, para finalizar, são feitas mais três invocações a Maria.
- <sup>13</sup> Os músicos barbeiros tinham a função de divulgar todo e qualquer evento, não só a Festa do Divino. Com o tempo, os músicos foram sendo incorporados à Folia do Divino (ABREU, 1999).
- <sup>14</sup> Sobre o papel atual da Folia do Divino em Mogi das Cruzes, trataremos mais adiante.
- <sup>15</sup> A piedade, sétimo dom atribuído ao Espírito Santo, encontra-se no Livro de Paulo aos Coríntios, já no Novo Testamento. Porém, ele o trata por "caridade", o dom supremo do amor (Coríntios 12 e 13).
- <sup>16</sup> Conforme relatos de participantes da Passeata das Bandeiras, durante a Festa do Divino em Mogi das Cruzes no ano de 2005.
- <sup>17</sup> Esta Folia é composta por cinco membros: o Mestre, o Contramestre, um tiple (voz mais aguda), um contralto (voz mais grave); os instrumentos utilizados são: viola, violão, pandeiro e caixa. Para entrar no grupo da Folia do Divino é preciso possuir um instrumento e saber tocá-lo, ter aptidão para o canto, e participar dos ensaios, realizados quando necessário. O papel do Mestre é estar sempre à frente, "puxando" a música para que o restante do grupo o acompanhe; é ele quem dá o comando, escolhendo os versos a serem cantados. Diferente da Folia descrita por Abreu (1999), a de Biritiba Ussu não carrega nenhuma bandeira e não sai pelas ruas a angariar recursos para a Festa (conforme entrevista realizada com o Mestre da Folia do Divino de Biritiba Ussu, em 2006).
- <sup>18</sup> Todo e qualquer altar do Espírito Santo é considerado um Subimpério, pois o Império é só um, aquele montado na Praça da Catedral de Santana.
- <sup>19</sup> Primeiramente, a Quermesse era realizada na Praça da Catedral de Santana, sendo transferida para o Largo Bom Jesus (em frente à igreja de São Benedito) em 1974. Apenas dois anos mais tarde passou a ser realizada em um galpão da Prefeitura, alternando entre estes três lugares até a sua transferência para o CIP.
- <sup>20</sup> Segundo coordenadores da Associação Pró-Divino, em entrevista em 2006.
- <sup>21</sup> A Novena consiste em nove missas, sendo que a cada noite, uma Paróquia diferente é convidada para ministrar a celebração que acontece sempre na Catedral de Santana.
- <sup>22</sup> Informações obtidas em maio/2005, durante a Festa do Divino.
- <sup>23</sup> Afogadão refere-se somente ao Afogado distribuído à população. O prato típico que é vendido na Quermesse é o Afogado.
- <sup>24</sup> No ano de 2007, o levantamento do Mastro ocorreu no primeiro dia da Festa do Divino, logo após a Abertura do Império.
- <sup>25</sup> Conforme a coordenação do Tapete Ornamental, da Pró-Divino, em entrevista realizada em 2006.

## Bibliografia

- ABREU, Marta. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro, São Paulo: Nova Fronteira-Fapesp, 1999. 406 p.
- ANDRADE, Mário de. "A Entrada dos Palmitos". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. 32, 1937. São Paulo, p. 51-64.
- \_\_\_\_\_. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002. 840 p.
- ARAUJO, Ana Maria R. Câmara. *Festa do Divino e suas transformações na comunicação e na cultura*. São Paulo: Andross, 2005. 120 p.
- BÍBLIA. Mensagem de Deus. São Paulo: Editora Santuário; Edições Loyola, 1994. 1324 p.
- BLOCH, Ernst. "Formas remanescentes mais antigas do tempo livre, deturpadas, porém não sem esperança: hobby, festa popular, anfiteatro". In: \_\_\_\_\_. *O Princípio Esperança*. Vol. II. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 2006. p. 459-467.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *O Princípio Esperança*. Vol. I. Tradução de Nélio Shcneider. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 2005. p. 13-28.
- BOSI, Alfredo. "A cultura como tradição". In: BORNHEIM, G. et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 112-137.
- \_\_\_\_\_. "Cultura brasileira e culturas brasileiras". In: \_\_\_\_\_. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992. p. 308-345.
- BRANDÃO, Carlos R. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: FUNARTE, 1978. 159 p.
- \_\_\_\_\_. *O que é folclore*. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 111 p.
- BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 4ª ed. Vol. II. Burgo de Estudantes (1828-1872). São Paulo: Hucitec, 1991.
- CAMPOS, Jurandyr Ferraz. *A Festa do Divino em Mogi das Cruzes*. Mais de trezentos anos de fé e tradição. Mogi das Cruzes: Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo, 2001. 22 p.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. 4ª ed. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução da Introdução: Gênese Andrade. São Paulo: Edusp, 2006. 385p.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001. 768 p.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.
- ETZEL, Eduardo. *Divino – simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. 180 p.
- FAZENDA, Vieira. "Antiquilhas e memórias da cidade do Rio de Janeiro". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 88, v. 142. Rio de Janeiro: IHGB, 1920. p. 365-373.
- FERNANDES, Florestan. "O folclore de uma cidade em mudança". In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p. 53-80.
- GRINBERG, Isaac. *Folclore de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Isaac Grinberg, 1983. 146 p.
- \_\_\_\_\_. *História de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Saraiva, 1961. 377 p.
- \_\_\_\_\_. *Memória fotográfica de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Ed. Ex Libris, 1986. 181 p.
- \_\_\_\_\_. *Mogi das Cruzes de 1601 a 1640*. São Paulo: Isaac Grinberg, 1981. 175 p.
- \_\_\_\_\_. *Mogi das Cruzes de antigamente*. São Paulo: Isaac Grinberg, 1964.

240 p.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 220 p.

JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (orgs.). "Falando de festas". In: \_\_\_\_\_. *Festa: cultura e sociedade na América Portuguesa*. Vol. I. São Paulo: Hucitec, Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001. p. 3-13.

KATO, Alice; MORLINI, Alfredo. *Divino Espírito Santo*. Mogi das Cruzes: Centro Mogiano de Pesquisa, 1973. 21 p.

LEFEBVRE, Henri. "A práxis". In: \_\_\_\_\_. *Sociologia de Marx*. Tradução de Carlos Roberto Alves Dias. 2ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979. p. 22-44.

\_\_\_\_\_. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974. 485 p.

\_\_\_\_\_. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1978. 268 p.

\_\_\_\_\_. *Espacio y política*. El derecho a la ciudad, II. Barcelona: Ediciones Península, 1976. 157 p.

\_\_\_\_\_. *La presencia y la ausencia*. Contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. 276 p.

\_\_\_\_\_. *Le Retour de la Dialectique*: 12 mots clef pour le monde moderne. Paris, Messidor/Éditions Sociales, 1986.

\_\_\_\_\_. *Metafilosofia*: Prolegômenos. Tradução e Introdução de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 399 p.

\_\_\_\_\_. "Notes écrites um dimarche dans la campagne française". In: \_\_\_\_\_. *Critique de la Vie Quotidienne I*. Introduction. 2ª ed. Paris: L'Arche Editeur, 1958. p. 215-241.

MARTINS, José de Souza (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. 149 p.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples*: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000. 210 p.

\_\_\_\_\_. *A sociedade vista do abismo*: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002. 228 p.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e tradicionalismo*: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975. 161 p.

MORAES Filho, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979. 312 p.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *As sonoridades paulistanas*: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995. 208 p.

O DIÁRIO DE MOGI. Maio/Junho – 1980-1990. Mogi das Cruzes.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 222 p.

PIAZZA, Walter F. *Aspectos folclóricos catarinenses*. Florianópolis: Edição da Comissão Catarinense do Folclore, 1953. 138 p.

PLANO Diretor do Município de Mogi das Cruzes 1999/2005. Mogi das Cruzes: Prefeitura Municipal. 103 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro*. O vivido e o mito. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. 237 p.

\_\_\_\_\_. "Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível' ". p. 14-43. In: SIMON, Olga de Moraes Von (org.). *Experimentos com histórias de vida*: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. (Enciclopédia aberta de ciências sociais; v. 5).

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 476 p.

RODRIGUES Filho, José Maria; De CARLO Filho, José. *Das origens à Festa do Divino*. Mogi das Cruzes S. P. 2ª ed. São Paulo, 2004. 104 p.

SANTOS, Rosselvelt José. Festa no cerrado. *Travessia - Revista do Migrante*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XI, nº 31, p. 17-21, mai-ago. 1998.

SILVA, Sidney Antonio da. Tradições religiosas e cultura no Brasil. *Travessia - Revista do Migrante*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XVI, nº 46, p. 27-30, mai-ago. 2003.

SINGER, Paul Israel. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1977. 377 p.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986a. 396 p.

\_\_\_\_\_. "O falso fausto". In: \_\_\_\_\_ . *Desclassificados do ouro: a*

*pobreza mineira no século XVIII*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986b. p. 19-43.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 387 p.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. 493 p.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000. 173p.

#### Fontes Primárias

Livro de Provisões 1818-1827 – Acervo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Livro de Ouro da Festa do Divino Espírito Santo, de 1938. - Arquivo Histórico e Pedagógico de Mogi das Cruzes

#### Sites consultados:

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[www.festadodivino.org.br](http://www.festadodivino.org.br)

Trabalho enviado em julho de 2008

Trabalho aceito em fevereiro de 2009

